

ENTRE HELENOS E FILELENOS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DE IMIGRANTES GREGOS E DESCENDENTES DA COMUNIDADE HELÊNICA DO ESPÍRITO SANTO

Raul Felix Barbosa¹

Resumo: O objetivo desse estudo é analisar o imaginário da identidade grega entre os descendentes de imigrantes gregos na diáspora, especificamente entre os membros da Comunidade Helênica do Espírito Santo (CHES). Busca-se responder questões como: o que faz com que um descendente de segunda ou terceira geração se autodenomine grego, sem nunca ter ido à Grécia ou nem mesmo falar a língua grega. A partir de que é formada essa identidade? Baseado nos conceitos de identidade e comunidades, de Hall (2002 e 2009) e Anderson (2008), utilizando a observação participante como ferramenta metodológica, se analisará a Celebração do Dia do *Oxi* como ponto de coesão cultural entre os membros da CHES. Conclui-se que toda identidade, nesse estudo, a grega, ultrapassa fronteiras sejam espaciais ou temporais.

Palavras-chave: Imigração; Helenismo; Identidade; cultura.

Introdução

Durante todo o século XIX e início do século XX, o Brasil se encontrou entre os países que mais receberam imigrantes na América Latina. A imigração em massa tem seu auge nos Oitocentos, mas o Brasil se forma como um país multicultural desde as primeiras décadas do século XVI. Com o decorrer dos anos, mas precisamente a partir de 1880, chegam ao Brasil novos grupos de diferentes nacionalidades, credos e etnias, que ajudaram a compor o “calidoscópio cultural” que é o país na atualidade.

O objetivo desse trabalho é analisar a formação da identidade grega entre os descendentes de segunda e terceira geração na Diáspora, mais precisamente entre os descendentes de gregos membros da Comunidade Helênica do Espírito Santo (CHES), que apesar de contar com um número reduzido de integrantes, possui rituais e práticas culturais idênticas a outras comunidades gregas na diáspora.

Muitas comunidades de imigrantes, das mais diversas etnias se formaram modelando-se sob as diversas condições sociais, culturais e políticas, há mais de cem anos, até a atualidade e em todo território brasileiro. A pergunta é então, por que a Grécia, ou melhor, dizendo, porque nos determos na comunidade helênica capixaba como objeto de estudo? A resposta ao mesmo tempo é simples e complexa.

Os gregos da diáspora e seus descendentes preservam no seio de suas comunidades a cultura assim como ela é na Grécia, sem sincretismos com a cultura do país receptor e essa cultura não remete apenas a Grécia como República Helênica moderna, que hoje passa por graves crises econômicas, mas remete também a Grécia que há 4 mil anos antes de Cristo se desenvolveu e com ela foram desenvolvidos os primeiros conceitos de democracia, política, literatura, teatro, filosofia (Constantinidou, 2009).

É por isso que a Grécia não é um país a mais, mas representa o fundador, origem da civilização ocidental. O que este trabalho se propõe a investigar é o ponto de união cultural, de sutura da identidade, que faz com que os descendentes de gregos, se autodenominem como um. Para isso buscou-se analisar a celebração

¹ Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Vila Velha (UVV), mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), membro do Laboratório de Estudos do Movimento Migratório (LEMM – UFES) e do Núcleo de Apoio ao Refugiado do Espírito Santo (NUARES). raul.felix1@yahoo.com.ar.

do Dia do *Oxi*, realizada na Grécia e nas comunidades gregas da diáspora.

Para realizar essa pesquisa se propõe como eixo central a dimensão da identidade, de como a identidade grega é construída pelos descendentes na Comunidade Helênica do Espírito Santo. Para isso, usaremos como ferramenta metodológica a observação participante na Comunidade Helênica do Espírito Santo, não apenas na celebração do *Oxi*, mas também em eventos e atividades em geral. Faremos o proposto por Geertz (1989) quando dito pelo autor que “devemos estudar nas aldeias e não as aldeias”

Historicizando: A imigração grega no Brasil

Cerca de 30 mil gregos chegaram ao Brasil nos últimos 170 anos. Esse fluxo migratório pode ser dividido em três períodos que acompanham as situações políticas e econômicas vividas pela Grécia. O primeiro período (1880-1917) é composto por marinheiros, expatriados, aventureiros e principalmente imigrantes vítimas da grande reviravolta política e econômica vivida pelo país europeu². Esses imigrantes gozaram de grande mobilidade dentro do território brasileiro (Fernandes, 2009).

Segundo a historiadora Vassiliki Constandinidou (2009), os primeiros registros oficiais de gregos vivendo no Brasil datam da época do Império de Dom Pedro II, sendo o mais antigo dos registros, um de 1841, quando desembarcou no Rio de Janeiro a família Calógeras. De 1849, tem-se registro da chegada das famílias de comerciantes Ralli e Rondocanákis, ambas se instalaram também na então capital imperial.

O segundo período da imigração grega para o Brasil (1918-1940), fez com que chegassem ao país cerca de 1500 imigrantes, provenientes principalmente das Ilhas do Mar Egeu. Esses estrangeiros se dedicavam principalmente a atividades comerciais em Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro. Essa fase antecedeu o mais importante dos períodos da imigração helênica no Brasil. O terceiro período de imigração de nacionais helênicos para o Brasil (1952-1965) foi marcado pela chegada de aproximadamente 13 mil gregos ao país, em sua maioria trabalhadores não qualificados, que se instalaram no Brasil buscando novas oportunidade vida, fugindo de uma Grécia devastada pela guerra (Fernandes, 2009).

Tamis (2009) revela que a maior parte dos imigrantes que chegaram ao Brasil percorreu várias cidades antes de se fixarem em uma em específico, buscando o que o autor chama de coesão social, ou seja, se instalar junto a uma comunidade grega já existente. O mesmo autor argumenta, ainda, que a imigração grega no Brasil não pode ser considerada bem sucedida em termos de constituição social e integração econômica, pois, segundo ele, uma parte pequena dos imigrantes foi capaz de se consolidar, se estabelecendo no Brasil e iniciando negócios e comércio, enquanto uma parcela importante dos gregos imigrou para outros países da região ou foram repatriados.

Segundo Fernandes de Oliveira (2006) a imigração grega para o Brasil recebeu subsídios do governo imperial brasileiro para que os imigrantes trabalhassem nas lavouras de café, contudo em um segundo momento, esses trabalhadores buscavam ocupações e atividades marítimas. Ainda segundo a autora, a

² A Grécia do século XIX se caracterizou economicamente por ser um país agrário e dependente das exportações agrícolas. Devido a várias intempéries e períodos de guerras, a economia grega sofreu consideravelmente, enfrentando uma pobreza generalizada. No campo político, a segunda metade do referido século, foi especialmente complicada, devido a disputas bélicas com os turcos que anexaram importantes provinciais como a Macedônia e a Trácia (Koliopoulos, 1987).

pouca necessidade de mão de obra nessa área fez com que a imigração grega no Brasil fosse pouco expressiva.

“No Brasil, a pouca expressividade dessas atividades foram determinantes para que não houvesse afluxo tão intenso de imigrantes gregos no período compreendido entre o último quartel do século XIX e os dois primeiros do século XX, quando afluíram ao Brasil grandes levas de imigrantes de outras nacionalidades, como italianos, alemães, portugueses, espanhóis, etc”. (Oliveira, 2006, p. 273)

Para Costa (2012) não houve para o imigrante grego grande dificuldade de adaptação no Brasil, o maior empecilho parece ter sido o idioma, uma vez que a língua materna era normalmente usada na comunidade entre os heleno-brasileiros em seu dia-dia, o que dificultou o aprendizado do português.

A vasta extensão territorial brasileira, unida ao grande número de portos de entrada e a falta de registros oficiais, dificulta o trabalho em definir a época exata em que os primeiros imigrantes gregos chegaram ao país, bem como o seu número. Atualmente, de acordo com estimativas realizadas por associações gregas, existem no Brasil, cerca de 40 mil gregos étnicos, ou seja, imigrantes e seus descendentes.

Gregos no Espírito Santo: a formação da comunidade heleno-capixaba

Existem registros na Comunidade Helênica do Espírito Santo, a presença de cidadãos gregos no Estado desde 1920, contudo, foi no pós-guerra, nas décadas de 1950 e 1960 que ocorreu a maior movimentação no fluxo de imigrantes helênicos no Estado Capixaba. Os primeiros gregos que chegaram ao Espírito Santo vieram por iniciativa própria. Ao chegar ao Estado eram contratados pelo governo para trabalhar nos portos ou na indústria siderúrgica (Loureiro e Frattini, 1999).

Segundo a historiadora Vassiliki Constandinidou (2009) algumas famílias gregas saíram da Ilha de Florianópolis e participaram na fundação da colônia grega em terras capixabas, atraídas pela crescente importância das atividades portuárias da capital do Estado.

Siqueira (2009) argumenta que entre as décadas de 1920 e 1950, o Porto de Vitória sofreu uma grande projeção, sendo o principal responsável pelo desenvolvimento econômico do Estado, uma vez que era o ponto de escoamento da produção cafeeira e do mineiro da CVRD.

“O porto de Vitória cada vez mais se projetava enquanto um grande exportador de café e da produção cafeeira do estado capixaba e mineiro, ampliando seu movimento comercial com a exportação de minério de ferro. O porto de Vitória passou a ser o escoadouro natural do minério (...) pela CVRD (Companhia Vale do Rio Doce). A exportação do minério foi um fator decisivo para a expansão inicial do porto de Vitória e para que, o mesmo, atingisse maior repercussão como porto internacional, embora fosse considerado internacionalmente como simples porto cafeeiro. (...) O crescimento das atividades de exportação de minério de ferro promoveu a ampliação do porto, em função da diversificação do seu movimento comercial”. (Siqueira, 2009, p.5)

Loureiro e Frattini (1999) revelam que em um segundo momento, o Espírito Santo recebeu imigrantes gregos qualificados, por meio de iniciativa do governo Vargas, que visava à implantação de indústrias no Estado. As autoras revelam ainda que a maior parte dos imigrantes que chegaram a terras capixabas não veio diretamente da Grécia, chegaram primeiramente a outros portos como Santos, Rio de Janeiro e Florianópolis, estabelecendo-se posteriormente no Espírito Santo.

Seguindo o exemplo de outras comunidades gregas da diáspora, os gregos e descendentes que residem no Espírito Santo buscaram se organizar a partir da década de 1960, contudo, foi somente na década de 1980 que a comunidade se organizou juridicamente fundando a Comunidade Helênica do Espírito Santo (CHES), datando da mesma época a fundação do Consulado da Grécia na cidade de Vitória.

“Na capital capixaba, as poucas famílias gregas buscaram se organizar desde a década de 60, mas somente em 1981 conseguiram formalizar a fundação da Comunidade Helênica do Espírito Santo. O primeiro presidente da associação foi Constantino Vazeos, que doou os terrenos para construção da Igreja Ortodoxa de São Jorge. Assim que a sede ficou pronta, destinaram uma sala para as aulas de grego. (...) A inauguração da Igreja foi realizada em 26 de abril de 1987.” (Constantinidou, 2009, p.225)

Segundo o Cônsul da Grécia em Vitória, o grego-brasileiro, Roberto Garófalo, existem registrados no Estado do Espírito Santo em 2015, cerca de 300 indivíduos com cidadania grega. Nesse grupo englobam-se os imigrantes gregos e seus descendentes de segunda e terceira geração. Porém, o Cônsul admitiu a presença de cidadãos gregos que vivem no interior do Estado, mas não se encontram registrados no consulado.

Cabe esclarecer que nesse estudo, que utilizaremos o termo comunidade, no sentido de grupos étnicos, como sugerido por Barth (2000), ou seja, um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem. Isto é, uma unidade portadora e organizadora da cultura comum os seus membros.

Apesar do pequeno número de membros (como dito anteriormente a CHES conta com cerca de trezentos membros) a comunidade heleno-capixaba é bastante ativa. Com subsídios recebidos do governo grego, a comunidade oferece aulas do idioma grego, ministradas por um professor vindo da Grécia. Esse programa faz parte de uma série de outros desenvolvidos pelo governo grego para a manutenção da cultura helênica entre os imigrantes e seus descendentes na diáspora. Esse mesmo professor é responsável por outras atividades culturais, como a criação de um coral de música bizantina³, a criação da “Semana Cultural Grega”⁴ e a também anual celebração do Dia do *Oxí*, a qual iremos analisar em um momento posterior. Todos que visam promover a continuidade da cultura, dos costumes e das tradições helênicas no exterior.

A comunidade mantém a Igreja Ortodoxa de São Jorge, inaugurada em abril de 1987, que é um importante ponto de reunião e prática da cultura grega. Local que marca momentos importantes das vidas dos helenos e heleno-brasileiros, como o batizado, o casamento ou cerimônias fúnebres. Na atualidade a Igreja não conta com o pároco definitivo, dependendo de sacerdotes que veem do Rio de Janeiro ou São Paulo uma vez por mês para a celebração das divinas liturgias, mesmo sem a presença fixa de um padre, os membros são assíduos às celebrações religiosas como a páscoa ortodoxa ou dias de santos populares entre os gregos.

A Comunidade Helênica do Espírito Santo, como instituição, surgiu da necessidade de direcionar os gregos do Espírito Santo, a uma aproximação com o país de origem, seja por meio do idioma, do contato com outros nacionais gregos, hábitos e outras atividades peculiares. Representando o resgate de sua

3 O coral de música bizantina “KostantinoVazeos” foi criado em 2009, é regido pelo Professor KosmasPoulianitis e conta com a participação de gregos, gregos-brasileiros e brasileiros em geral.

4 A Semana Cultural Grega ocorre anualmente na Sede da Comunidade Helênica do Espírito Santo, na capital do Estado, sendo um evento aberto a toda comunidade, oferece danças e comidas típicas além de atividades culturais.

identidade cultural em meio a outro ambiente. Segundo Costa (2012) o fato de preservar e resgatar as práticas culturais oriundas da Grécia não significa resistência à cultura brasileira.

“Em momento algum os imigrantes se opuseram à aprendizagem dos novos costumes. Todavia, fizeram questão de preservar as tradições gregas e, para isso, incentivaram e participaram ativamente da instituição da Comunidade Helênica no estado do Espírito Santo, sendo que a dedicação, o empenho e o envolvimento ocorreram sob diferentes intensidades”. (Costa, 2012, p. 188)

A construção da Comunidade Helênica e a participação dos gregos e descendentes nessa instituição evidencia a emergência comum a outras comunidades estrangeiras, de buscar e reforçar sua identidade cultural quando presentes em uma pátria que não a sua. Dessa forma a identidade cultural apresenta-se como um processo dinâmico e de continua construção (Hall, 2009).

Cultura, Identidade e Imaginário entre os Helenos-Capixabas.

Cabe a nós esclarecer que nesse trabalho utilizaremos o termo cultura para nos referir a algumas práticas, para isso iremos utilizar o conceito semiótico de cultura desenhado por Clifford Geertz (1989). Para o autor, a cultura é formada por teias de significados.

“Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais, enigmáticas na sua superfície”. (Geertz, 1989, p.4)

Podemos pensar que este conceito de cultura, no nosso caso, a cultura grega, é criado pelo imaginário social. Este imaginário atuaria como o que Geertz chama de “código estabelecido” por uma sociedade, o que é composto por significados. Sendo assim, dentro da Comunidade Helênica do Espírito Santo, nas práticas concretizadas por seus integrantes, em seus discursos, em seus significados, se estabelece o que para eles é a cultura grega, que é uma peça fundamental na construção da identidade grega, do ser grego.

Nessa pesquisa, seguindo a Geertz (1989), toma-se como sinônimos cultura e costumes, referindo-se às teias de significados, isto é, que tanto um discurso, ou um ritual, seja uma música ou uma dança, serão considerados como cultura. A cultura grega será construída a partir dos discursos, das práticas, das crenças, de seus próprios protagonistas e a observação por parte do investigador, aplicando de certo modo o que Geertz denominou de “descrição densa”, método pelo qual a partir de análises de certas práticas e discursos se desvendam as estruturas significativas.

Um desses rituais desenvolvidos pelos gregos é a celebração do Dia do *Oxi*. *Oxi*, que na língua grega significa não, é uma celebração nacional da Grécia desde o ano de 1940, quando no dia 28 de outubro daquele ano, o então Primeiro Ministro da Grécia, Ioannis Metaxas, disse “não” ao ultimato feito pelo ditador italiano Benito Mussolini, que exigia que a Grécia permitisse que as forças italianas ocupassem posições estratégicas em seu território durante a segunda-guerra (koliopulos, 1987).

Embora não existam provas documentais que o Ministro Metaxas respondeu simplesmente “não”, ou “*oxi*”, a palavra sintetiza perfeitamente a frase dita por Metaxas em francês “*Alors, c’est la guerre*” – então é guerra. Naquele dia os cidadãos gregos saíram pelas ruas gritando “*oxi*” como um aviso para que todos

se armassem. Em questão de duas horas, as tropas italianas que se encontravam na Albânia, atacaram a fronteira grega (Woodhouse, 2000).

O exército grego, com o auxílio de tropas britânicas, resistiu bravamente a seis meses de combates com tropas italianas e alemãs. Os gregos representaram o maior obstáculo contra os planos nazistas de enfrentar as tropas soviéticas. A resistência grega foi fundamental para a derrota das tropas alemãs, que se atrasaram e chegaram a Rússia em pleno inverno, o que causou baixas consideráveis ao exército nazista (Koliopoulos, 1987).

Para muitos a celebração do Dia do *Oxi* é mais do que o aniversário de uma data pátria com desfile de crianças nas principais cidades da Grécia, do que a exibição do poderio militar grego em um desfile em Atenas, ou ainda, é maior do que por a bandeira grega na janela de suas casas. É um dia para lembrar os valores helênicos, a paixão pela Grécia e por tudo o que os ancestrais gregos fizeram por essa terra. É um dia para se espelhar nas virtudes do passado, pensando no futuro.

A partir da observação participante foi possível presenciar esta celebração junto a Comunidade Helênica do Espírito Santo, onde as cerimônias de comemoração do Dia do *Oxi* ocorrem anualmente no dia 28 de outubro. As celebrações começam pela manhã, com uma liturgia no rito bizantino, próprio da Igreja Ortodoxa, onde após cerimônia é lido um comunicado do Patriarca⁵ exaltando a coragem do povo grego durante a segunda guerra. A divina liturgia é seguida de um almoço com pratos típicos da culinária grega. À noite, acontece um baile ao som de músicas tradicionais gregas, com direito a quebra de pratos, comemoração tradicionalmente helênica. A celebração do Dia do *Oxi* conjuga elementos fundamentais da cultura grega: a língua, a religião, as danças e a culinária.

O que era uma festa pátria na Grécia se tornou uma festa étnica entre os gregos da diáspora, não sendo diferente entre os membros da Comunidade Helênica do Espírito Santo. Isso é possível graças ao o que Benedict Anderson (2008) chama de comunidades imaginárias. Anderson entende a nação como uma comunidade imaginada, que representa o sentimento de pertencimento de uma comunidade, na que seus membros não se conhecem entre si, porém se sentem parte de um mesmo coletivo.

Anderson (2008) argumenta que o apego das pessoas a nação é fruto da imaginação que logo se materializa e se vivência na prática cotidiana. A identidade nacional é o nexó simbólico e afetivo entre o sujeito e a nação e imprime no sujeito o sentimento de pertencimento a uma dada comunidade. Isso permite que os descendentes de gregos na Comunidade Helênica do Espírito Santo, celebrem a data patriótica mais importante do calendário grego, como se morassem na Grécia, e de fato fossem gregos.

O mesmo autor define nação como “(...) uma comunidade política imaginada, inerentemente limitada e soberana. É imaginada porque seus membros jamais se conhecem (...), porém na mente de cada um vive a imagem de sua comunhão”. Além de imaginadas, agrega que cada nação se imagina como limitada, logo que suas fronteiras são finitas, são ainda soberanas, atributo que herdou da ilustração e são ainda comunidades, apesar das desigualdades se percebe como horizontal (Anderson, 2008, p. 6-7).

⁵ O Patriarca Ecumênico de Constantinopla é o líder supremo da Igreja Ortodoxa, apesar de não possuir primazia como o Bispo de Roma.

É complementar ao conceito de nação como comunidade imaginada, a noção de diáspora, entendida como uma parte imaginária da população desse país de origem, porém que está localizada em outro lugar. Portanto, mesmo sem nunca terem ido à Grécia, ou falar o idioma grego, o fato de imaginar a nação grega como sendo pertencente a ela, torna possível que um descendente de segunda ou terceira geração se defina como helênico, como seus pais ou avôs. Além do imaginário, deve-se considerar também a construção da identidade (Hall, 2009).

Stuart Hall (2014) faz uso do termo identidade para se referir a um ponto de encontro. Para o autor a identidade é construída por sentimento de pertencimento, o qual ele denomina “sutura a história”, sendo expressa no reconhecimento de um passado comum, transmitido através de cerimônias, festas, danças, músicas, etc.

“(…) o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade que nos constroem como sujeitos”. (Hall, 2014, p.111-112)

Hall (2002) estabelece a ideia de identidade como representação, esse entendimento, levanta como primeira condição que as identidades se constroem dentro do discurso, pelo qual a partir da análise de distintos discursos, que variam de discursos linguísticos dos gregos, de falas emitidas pela Comunidade Helênica do Espírito Santo, da observação de práticas e rituais diversos, pode se reconstruir a identidade construída por essa comunidade, isto é, o que é ser grego para eles.

“As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.(Hall, 2002, p.109)

Em um segundo momento, Hall (2002) define a identidade como relacional, “as identidades se constroem através da diferença, e não a margem dela”, convergindo com que diz Barth (2000) que argumenta que identidade e alteridade se relacionam, ou seja, que só podem erigir-se em relação com o outro. Identidade e alteridade são duas dimensões inseparáveis. Dessa forma, o descendente, se intitula grego, ao marcar sua diferença com o fileleno⁶.

Os filelenos podem, por exemplo, participarem da Celebração do Dia do *Oxi*, através da dança, da música ou da comida, mas não serão vistos como “nós” por estarem além da fronteira identitária estabelecida pelos helênicos e seus descendentes. Os filelenos serão sempre os “outros”.

À guisa de conclusão

Toda identidade, nesse caso a grega, transcende as fronteiras, tanto as espaciais como as temporais. O *ser grego*, muda de lugar, da Grécia ao Brasil, de Atenas à Vitória, se reconstrói, se impregna e é impregnado pelo contexto. Também desafia o tempo nessa recriação. Porém essa identidade é funcional ao contexto capixaba e brasileiro. São gregos no Brasil, condição diferente de ser grego na Grécia. Podemos pensar que esse caráter, grego-brasileiro, é o que realmente os identifica. Essa nostalgia patriótica, o desejo de

⁶ A palavra fileleno significa em português “amor pelos helenos”, mas é usada como todo aquele que não é grego ou descendente.

voltar às raízes gregas é o que os mantém unidos aqui, no Brasil, na diáspora, e isso os faz com que se reconheçam como grego-brasileiros, condição que perderiam se voltassem realmente as raízes.

Por outro lado, em cada prática, em cada texto, nesse “fazer” dos descendentes na Comunidade Helênica do Espírito Santo é produzido um recorte, onde diversos sentidos são tomados e outros descartados. Nessa seleção se evidenciam distintos crivos tanto os institucionais, como os da Igreja Ortodoxa, por exemplo, como os não institucionais, vinculados as práticas cotidianas, aos saberes comuns, ou ao domínio de um artifício – seja uma língua, uma dança, um ritual. Um recorte que manifesta um “nós” gregos e implica uma diferença, uma desigualdade, com o outro não grego, que é a razão do seu ser.

Os gregos da Comunidade Helênica do Espírito Santo, na verdade não são gregos, são brasileiros assim que nascem, o que faz com eles se digam gregos é o imaginário, é justamente a criação dessa comunidade imagina como descrita por Benedict Anderson que torna possível essa relação de pertencimento a Grécia, ao menos etnicamente. No que se refere à identidade, o ponto de sutura, como proposto por Hall, pode ser identificado nesse estudo na celebração do Dia do *Oxi*, que unem a todos os gregos – e descendentes – da diáspora. Além disso, identidade e alteridade estão ligadas. A identidade grega dos integrantes da CHES surge de suas diferenças com os filelenos.

Por fim, as culturas não morrem. Elas emigram, mudam de idioma, de lugares ou de costumes. Entrecruzam-se, discutem e dialogam, resultando em novas identidades, e dessa forma se reconstroem, resistem e são uma ponte entre o passado e o futuro, a partir do qual, ainda que manifestem algum paradoxo, a recordação se recria, (re)vive. É nesse sentido que os descendentes na Comunidade Helênica do Espírito Santo se permitem intitular como gregos.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia das letras, 2008.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2000.

CONSTANTINIDOU, Vassiliki Thomas. **Os guardiões das lembranças**. São Paulo: Vida e Consciência, 2009.

COSTA, Lorena Queiroz Merizio. **Amizades interculturais**: Um estudo com os gregos no Espírito Santo. 2012. 249 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

FERNANDES DE OLIVEIRA, Maria da Graça. **Historiografia do processo imigratório brasileiro**: um olhar sobre comunidades helênicas no Brasil. 2006. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/1962777.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2015.

FERNANDES, Maria das Graças. **Gregos no Brasil**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ufmg, 2009.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tadeu Thomaz da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

KOLIOPOULOS, John. **Brigands with a Cause: brigandage and Irredentism in Modern Greece 1821-1912**. Oxford: Clarendon Press, 1987.

LOUREIRO, Regina Menezes; FATTINI, Carmem Déa Gonçalves. **A imigração grega no Espírito Santo**. Revista do IHGES, Vitória, v. 1, n. 51, p.74-81, dez. 1999.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. A questão regional e a dinâmica econômica do Espírito Santo - 1950/1990. **Revista de História e Estudos Culturais: Fênix**, Uberlândia, v. 6, n. 4, p.1-16, out. 2009.

TAMIS, Anastasios M.. Greek Migration and Settlement in South America. In: LOUKERIS, Kostantino; PETRAKIS, Kostantino (Org.). **The roads of the Greeks**. Atenas: Polaris Publishing, 2009. p. 78-161.

WOODHOUSE, C.M. **Modern Greece: a shorty history**. Londres: Faber & Faber, 2000.